

No Script!



EDITORIAL



A música constitui uma das formas mais abstratas de expressão artística e o seu vínculo com o cinema funda uma relação longínqua. Capaz de provocar nos seres humanos as mais profundas emoções e despertar sentimentos e sensações que jamais imaginávamos experimentar, a música é usada no cinema para criar atmosferas e conduzir narrativas desde antes do surgimento do cinema falado. De lá pra cá, cada vez mais, a música ganhou o seu espaço dentro da indústria cinematográfica, ao passo que importantes diretores começaram a perceber o valor do vínculo entre essas duas artes que se completam e se enriquecem. O cinema, de natureza mais concreta, é contemplado pelo abstracionismo musical, cujos sons e melodias dão sentido às imagens ao mesmo tempo em que ganham sentido por causa delas, processo bilateral que estreita o laço dos dois, como bons e velhos amigos. E essa importância é percebida através do impacto que algumas trilhas sonoras tiveram no público. Afinal de contas, o que seria do autoritarismo do Império Galático de *Star Wars* sem a sua imponente Marcha Imperial? Ou das coreografias de *High School Musical* sem seus cativantes e pegajosos refrões? Até mesmo as reflexões existenciais provocadas por *A Ghost Story* talvez não tivessem o mesmo impacto sem sua trilha intimista e angustiante, perfeitamente alinhada com a proposta do filme. E quem garante que Frodo Bolseiro conseguiria destruir o Um Anel se não estivesse acompanhado de boas melodias? Hoje, a música já é pedra fundamental para a contação de uma boa história e a seguir você vai conhecer algumas delas.

Redação do Cinecom



- 4 o cinema musicado no Brasil
- 6 a realidade dos musicais que marcaram gerações
- 8 almas gêmeas
- 10 uma geração marcada pela música da Disney
- 11 uma história além da música
- 12 a arte de fazer cinema com música
- 13 a palavra - não - cantada
- 14 destaques da quarentena
- 15 batalha de séries
tinder de personagens
- 16 playlist
- 17 top 5 da equipe
- 18 música para sacudir o esqueleto
- 19 a vida fica bem mais leve com a música

CONTEÚDO

O CINEMA MUSICADO NO BRASIL: as Chanchadas do Atlântida

O estúdio Atlântida foi criado cerca de 80 anos atrás e, através dele, as chanchadas se tornaram populares no Brasil inteiro. Tornando-se a primeira espécie de produção em massa das indústrias brasileiras, as comédias musicais amadas pelos brasileiros eram destacadas pelas críticas no país. Mas qual era o motivo de tanto maravilhamento?

Cruzando espetáculos teatrais e vozes veneradas na rádio, a indústria cinematográfica brasileira pôde tornar realidade o sonho de criar um cinema típico de sua cultura, visto que o domínio estrangeiro nesse ramo já era bastante notável. As chanchadas carnavalescas se tornaram símbolo de alegria e exibição do que o território brasileiro tinha de melhor: sua música. Além disso, com sua temática objetivamente voltada à comédia, podia se ater a questões pouco discutidas no meio televisivo, como as lutas sociais e as dificuldades enfrentadas pelo povo brasileiro na época.

Enquanto cantores lançavam marchinhas na Rádio Nacional e as vedetes – artistas que cantavam e dançavam em espetáculos – se apresentavam nos clubes da época, no Rio de Janeiro, Moacyr Fenelon e José Carlos Burle, nomes pioneiros no cinema brasileiro, decidiram, em 1941, criar o estúdio cinematográfico Atlântida Cinematográfica, onde mais tarde seriam produzidas diversas obras que visavam consolidar a cultura e a arte nacional. As produções tinham pouco financiamento,

mas eram criadas em constância e eram feitas da melhor maneira possível com o pouco que era oferecido.

Algumas produções foram criadas antes das chanchadas, o gênero mais popular do estúdio, serem fixadas, como a dedicação exclusiva a um telejornal *Atualidades Atlântida*, que mais tarde se tornou o primeiro antológico e bem conhecido jornal dos cinemas brasileiros.

As *Chanchadas da Atlântida*, como ficaram conhecidas pelos críticos, se preocupavam em estabelecer um diálogo cômico e com traços de manifestação a respeito dos problemas sociais do povo, tornando-se uma comédia musical que criticava a vivência da época. Assim, o termo “chanchadas” que anteriormente era depreciativo por se referir a produções triviais e de baixo orçamento, tornou-se para o público brasileiro da época sinônimo de diversão. As produções não agradavam muito a crítica, que reforçava o interesse dos artistas em querer revogar questões que não eram pertinentes às telas brasileiras e que eram retratadas apenas para causar alvoroço e comoção no país, totalmente o contrário do que de fato as chanchadas visavam.

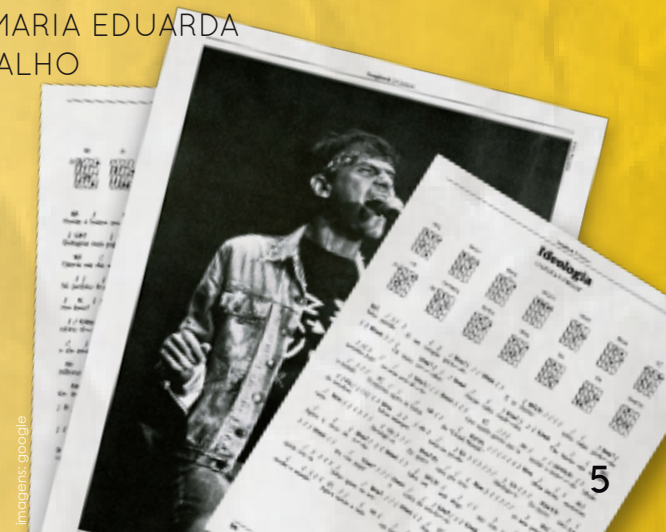
A estreia das chanchadas, no início da década de 40, foi marcada pelo sucesso do filme *Moleque Tião* (1943), de José Carlos Burle, sendo interpreta-

do pelo comediante Grande Otelo, o qual a trama da narrativa era baseada na vida do mesmo. Outro importante filme foi *Fantasma Por Acaso* (1946), de Moacyr Fenelon, primeira obra que misturou a comédia e a música brasileira, estabelecendo o que seriam as características marcantes e constantes nas chanchadas ao longo do tempo, criando, assim, sua estrutura.

Com o decorrer do tempo, houve construção de uma estrutura narrativa própria das chanchadas onde se mantinham focos narrativos padrões referentes às produções da Atlântida Cinematográfica, como por exemplo a existência dos mesmos papéis temáticos estereotipados: o mocinho, a mocinha e seus ajudantes e o vilão que precisa ser derrotado ao final da trama.

Com muita música, piadas, romance, paródias e pancadaria, as *Chanchadas da Atlântida* possibilitaram ao cinema brasileiro uma nova visão do que eram produções nacionais. O fim do gênero, porém, veio à medida que o Cinema Novo se instalou, contudo o impacto que o primeiro instaurou em território brasileiro transformou toda a arte cinematográfica do Brasil até hoje.

POR MARIA EDUARDA
CARVALHO



almas gêmeas

A sétima arte consegue nos despertar emoções, sentimentos, ativar memórias e recordações. Isso não é diferente quando se trata de música. Independente do estilo, ela é poderosa, é capaz de comover e abalar. Em um filme, as canções têm o poder de provocar no telespectador emoções e sensações como medo, afeto e simpatia, podem acelerar ou desacelerar o longa e, definitivamente, contribuem para a construção da narrativa.

Quando essa relação começou? Se você pensou no início do cinema falado, você está enganado! Produções audiovisuais e músicas são inseparáveis desde o cinema mudo. Nessa época a música já se tornava essencial e contribuía, assim como no teatro, para o desenrolar das cenas, além de todo o aspecto emocional. Em 28 de dezembro de 1895, a primeira projeção de filmes dos irmãos Lumière contava com um pianista. O repertório musical presente nessas exposições era amplo, grandes composições clássicas e, até mesmo, músicas populares traziam uma atmosfera mais real e profunda para as cenas, envolviam os amantes do cinema e, de bônus, reduziam o ruído dos projetores. Desde então, as películas eram acompanhadas, obrigatoriamente, por um pianista. E, com a popularização do cinema, grandes salas apresentavam também órgãos ou conjuntos de músicos.

Houveram inúmeras mudanças desde então, mas a música seguiu sendo vital para a cinematografia. Atualmente as produções têm acesso e utilizam os mais modernos sistemas e recursos sonoros. Contudo, como as músicas são escolhidas para fazerem parte de um filme?

Existem basicamente duas abordagens, na primeira a trilha sonora da produção cinematográfica é composta por músicas já conhecidas pelo público. Esse é o caso do recente lançamento da Marvel, *Eternos* (2021), que conta com músicas que já possuem destaque no cenário musical como *Friends* (2020) composta e produzida por Park Jimin e interpretada pelo grupo sul-coreano BTS do qual este faz parte e o clássico *Time* (1973) da banda Pink Floyd.

A segunda é a composição de uma música (ou até mesmo toda a tri-

lha) original, aquelas que são criadas especialmente para as produções em que estão inseridas. Diversas músicas originais ganham tanta notoriedade que nem sequer imaginamos que elas foram escritas e produzidas especialmente para aquela produção, além disso, inúmeras destas são reconhecidas em premiações importantes. *Eye of the Tiger*, da banda de rock Survivor, por exemplo, encomendada para *Rocky III – O Desafio Supremo* (1982), se tornou um dos hits mais famosos da banda e garantiu espaço em *Asterix e os Vikings* (2006) e *Dumb and Dumber: When Harry Met Lloyd* (2003). *Gangsta's Paradise*, do rapper americano Coolio, foi gravada para o filme *Mentes Perigosas* (1995), recebeu um Grammy e é uma das músicas de rap mais reconhecidas e premiadas até hoje. Já *Skyfall*, da cantora Adele, produzida para o filme *007 – Operação Skyfall* (2012), além da popularidade e do sucesso comercial, recebeu o Oscar de Melhor Canção Original.

Independente de qual abordagem seja escolhida, o processo de eleição das músicas presentes nas produções não é simples. Existe um profissional que se dedica especialmente a essa tarefa, o *Music Editor* (Editor de Música), responsável por receber as sugestões do diretor e apresentar músicas e/ou referências para um compositor - no caso de canções originais.

O caminho inverso também acontece, incontáveis músicos utilizam as narrativas cinematográficas para a composição de seus videoclipes. Eventualmente, até mesmo, trazem referências ao mundo do cinema, como é o caso da música *ON* (2020) do grupo BTS. Por fim, fica evidente, após todo o exposto, que a música e o cinema são inseparáveis e se complementam, verdadeiras almas gêmeas.

POR PALOMA FAGUNDES



UMA GERAÇÃO MARCADA PELA MÚSICA DA DISNEY

Cinema, música e Disney. Essas três palavras andam juntas há algumas décadas desde que a empresa norte-americana decidiu dar ao mundo alguns dos maiores sucessos da indústria cinematográfica que, mesmo depois de tantos anos, se mantém frescos na mente de fãs espalhados por todo o globo.

Se eu fosse fazer uma contextualização completa de toda a obra da Disney, eu deveria começar no ano de 1937 com o clássico *A Branca de Neve e os Sete Anões*, passar pela incrível década de 90, que apresentou os títulos inesquecíveis de *A Bela e a Fera*, *Aladdin* e *O Rei Leão*, e tudo isso sem ignorar esse grande espaço de tempo que ficou perdido, mas os meus 2100 caracteres de limite e a minha memória afetiva me fazem ser egoísta nessa matéria, destacando uma trilogia que fez parte da minha infância.

No ano de 2006 foi lançado o longa que provavelmente apresentou o conceito de musicais para toda uma geração e fez com que tantos outros sucessos como *Camp Rock* e *Lemonade Mouth* pudessem existir. *High School Musical* estreou com uma audiência nunca antes vista: com mais de 7,7 milhões de espectadores apenas no dia da estreia, o longa se tornou um sucesso instantâneo.

Devido à grande repercussão, as músicas cantadas pelos personagens de Zac Efron, Vanessa Hudgens e companhia rapidamente se espalharam e tomaram conta das listas da *Billboard*, uma das principais revistas sobre música dos Estados Unidos, com nove canções chegando na seção Hot 100 da revista, tendo *Breaking Free* alcançando o top 10.

É difícil dizer o real impacto que algo pode ter em alguém, afinal, nós somos diferentes e somos afetados de maneiras distintas. Mas quando uma obra como *High School Musical* marca uma geração inteira de pessoas completamente diversas, isso é algo que deve ser levado em consideração. Como é possível uma história clichê com atuações duvidosas subir, ou melhor, voar até aos maiores patamares do sucesso? Eu, sinceramente, não sei e nem faço questão de saber, algumas coisas não precisam de explicação. Apenas posso dizer que, para você que também foi marcado por essa trilogia, nós estamos todos juntos nessa.

POR SANDRO FILHO

UMA HISTÓRIA ALÉM DA MÚSICA

Desde o início do cinema vemos produções inspiradas em fatos reais. Se procurarmos na internet, aparecem diversas listas diferentes de indicações para quem adora assistir um drama sabendo que grande parte daquela história aconteceu. E nessa gama de filmes que retratam o real, há as cinebiografias. Também conhecido pela expressão inglesa *biopic* (uma simplificação de *biographical motion picture*), são produções que dramatizam a história de uma personalidade real - muitas vezes até usando nomes verdadeiros, sendo uma figura de importância histórica ou não. Hoje, no entanto, me concentro nas cinebiografias musicais que contam a história de um cantor ou banda. Afinal, não há combinação melhor do que cinema e música.

Em 2018, *Bohemian Rhapsody* chegava com um sucesso estrondoso para contar a trajetória da banda Queen e, principalmente, de Freddie Mercury. Apesar das críticas mistas que recebeu, o longa foi aclamado pelo público e, posteriormente, recebeu diversos prêmios e indicações. Ganhou 4 estatuetas do Oscar, in-

POR BEATRIZ VALENTE

cluindo de Melhor Ator para Rami Malek, além de ter sido indicado na categoria de Melhor Filme. Venceu também o Globo de Ouro de Melhor Filme Dramático e Melhor Ator em Filme Dramático.

Um ano depois, *Rocketman* estreava nos cinemas, era ovacionado pela crítica e concretizava o recente interesse da audiência por produções do tipo. Dirigido por Dexter Fletcher e estrelado por Taron Egerton, a produção biográfica de Elton John venceu o Oscar de Melhor Canção Original e dois Globos de Ouro, incluindo de Melhor Ator em Comédia ou Musical. Também teve indicações no Festival de Cannes, no Grammy, no BAFTA e em várias outras premiações.

Normalmente, a fórmula de uma cinebiografia já vem pronta: infância, desenvolvimento do talento, queda e redenção. Mas há vários filmes que fogem um pouco disso, como *Amadeus*, sobre Mozart com o ponto de vista de seu rival, e *Não Estou Lá*, sobre Bob Dylan em histórias não lineares. Cinebiografias musicais são sempre aclamadas e esperamos que venham cada vez mais. Quem você gostaria que fosse o próximo ícone a ter sua história nas telas?



Os conhecidos álbuns visuais, um conceito híbrido de videoclipe musical com cinema, representam uma parceria antiga entre as respectivas indústrias. Desde a década de 1970, eles se apresentam como uma forma diferente de divulgar trabalhos musicais, e, visando inovar o mercado, promoviam a ida da audiência até os cinemas para escutar as músicas de seus artistas favoritos. A banda britânica de rock The Who foi pioneira nessa categoria ao lançar o filme *Tommy* (1975), baseado

Logo em seguida, outros artistas aderiram ao movimento. A banda Pink Floyd fez história ao lançar *The Wall* (1982), que, assim como suas músicas, foram sucesso de crítica e vendas. O álbum visual, que provoca certo desconforto, trouxe temas importantes em seu enredo, como totalitarismo, liberdade, loucura e subversão, cativando seu público-alvo e cravando seu nome no hall da fama. Na mesma época Michael Jackson e Prince fizeram suas versões do gênero, porém o formato acabou caindo em desuso e saindo dos holofotes, se limitando a lançamentos ocasionais em nichos isolados. Contudo, essa era ressurgiu quando "Queen B" lançou Beyoncé (2013), o álbum visual com 14 faixas e 17 vídeos, que mesmo sem possuir uma história linear, se entrelaçaram em um mesmo universo, configurando maior profundidade à obra.

A moda voltou às telinhas, ressurgida pela rainha do R&B, que continuou lançando outras produções do gênero, como *Lemonade* (2016) e *Black Is King* (2020), filmes carregados de simbologias que falam abertamente sobre a cultura preta e o racismo dentro e fora da indústria musical. É fato que produzir álbuns visuais ajudam tanto na divulgação das músicas como também na criação e estruturação da atmosfera das canções, o que facilita muito a imersão do ouvinte no sentido e no universo que o compositor quis criar. Atualmente, cada vez mais artistas estão aderindo a esse estilo, como Halsey com *If I Can't Have Love, I Want Power* e Janelle Monáe com *Dirty Computer*, se você quer saber mais obras como essas, corre para o *blog do Cinecom*, que lá tem top 5 fresquinhos com várias recomendações.

POR SARA MENDES



na ópera rock de mesmo nome, lançada pelo grupo em 1969. A narrativa conta a história de um garoto que, após presenciar uma tragédia familiar durante a Segunda Guerra Mundial, fica cego, surdo e mudo, e é obrigado a fingir que nada aconteceu. A sociofobia e psicodelia que marcam os traços do protagonista são as mesmas características que ditam a sonoridade do álbum, cruzando bem os caminhos da música e cinema.

Sem pensar muito: qual a primeira coisa que passa na sua mente quando se trata de musicais? Se a resposta foi algo como "pessoas cantando do nada" precisamos quebrar esse conceito e te apresentar *Whiplash* e *Cisne Negro*!

Extremamente aclamados pelo público e crítica especializada, as obras inserem canções de uma maneira diferente, dando uma nova cara ao musical e oportunidade para aqueles que desgostam do estilo já bem conhecido.

Começando pelo drama de Damien Chazelle, *Whiplash* (na tradução PT/BR: *Whiplash: Em Busca da Perfeição*) é um filme estadunidense independente de 2014. Indicado a diversas premiações importantes, na cenografia o solitário Andrew (Miles Teller) é um jovem baterista que sonha em ser o melhor de sua geração e marcar seu nome na música americana como fez Buddy Rich, seu grande ídolo. Após chamar a atenção do reverenciado e impiedoso mestre do jazz Terence Fletcher (JK Simmons), Andrew entra para a orquestra principal do conservatório de Shaffer, a melhor escola de música dos Estados Unidos. Entretanto, a convivência com o abusivo maestro fará Andrew transformar seu sonho em obsessão, fazendo de tudo para chegar a um novo nível como músico, mesmo que isso coloque em risco seus relacionamentos e sua saúde física e mental.

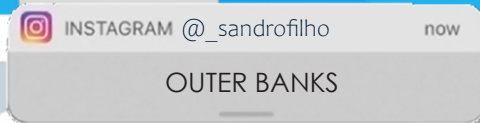
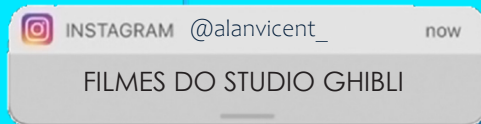
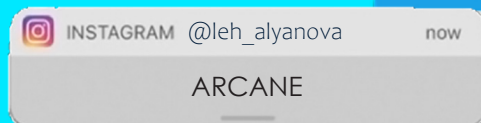
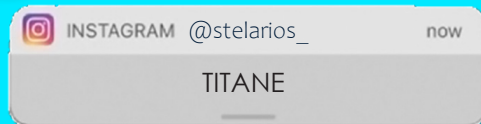
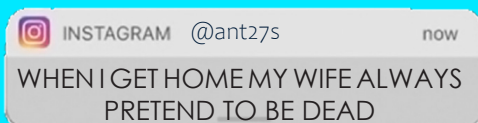
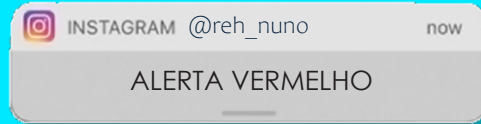
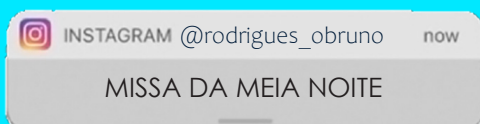
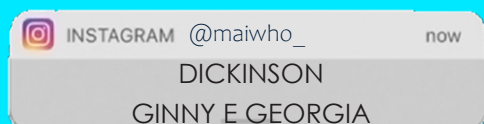
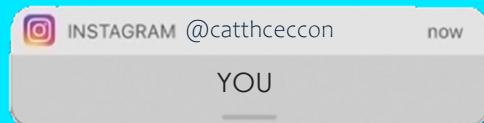
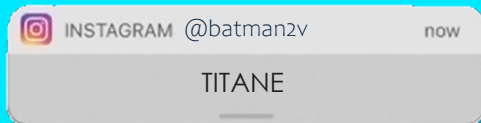
Já *Cisne Negro* não venceu o Oscar de melhor filme em 2011 à toa: baseado na produção de balé dramático *O Lago dos Cisnes*, no longa de Darren Aronofsky Nina (Natalie Portman) é uma bailarina cuja obsessão pela dança supera todas as facetas de sua vida. Quando o diretor artístico da companhia decide substituir sua 'prima bailarina' para a produção de estreia de *O Lago dos Cisnes*, Nina é sua primeira escolha. Sua concorrente é a novata Lily (Mila Kunis). Embora Nina seja perfeita para o papel do Cisne Branco, Lily personifica o Cisne Negro. A rivalidade entre as duas bailarinas se transforma em uma amizade distorcida e o lado obscuro de Nina começa a vir à tona.

Para os que apreciam (ou não) o musical comum, essa é uma forma de conhecer outras facetas do estilo: aos que torcem o nariz, aqui vão as boas novas: em nenhum momento os personagens interrompem diálogos para começar a cantar, mas a música é introduzida em grande parte das cenas, através, única e exclusivamente, da melodia e expressões artísticas. Seja por meio da bateria ou da dança, uma coisa é certa: *Whiplash* e *Cisne Negro* merecem o fuzuê que recebem.

POR CATHERINE CECCON

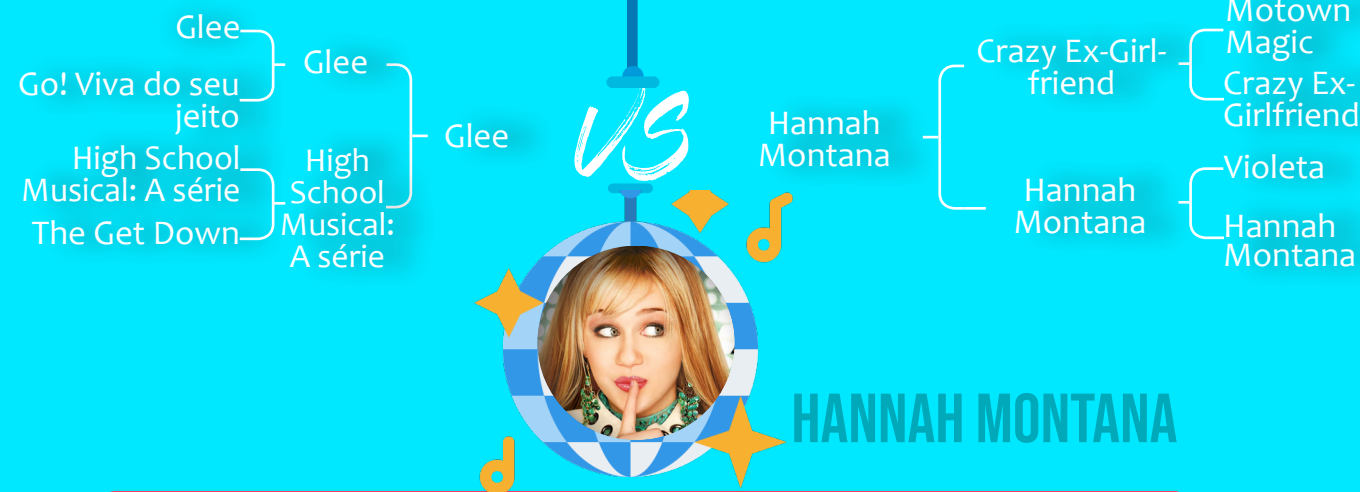
DESTAQUES DA QUARENTENA

Estamos sempre descobrindo e redescobrimos filmes e séries que não demos a devida atenção antes. Ou então encontramos algum lançamento que nos surpreende mais que do que esperávamos. Quais são as descobertas recentes dos nossos seguidores?



Batalha de séries

Qual série tem palco garantido quando o assunto é música? Confira a divulgação da série que deu um show na nossa enquete!



Miley Stewart vive uma vida normal ao lado de sua família e amigos. Mas ela guarda um grande segredo! Miley, na verdade, é Hannah Montana, a estrela adolescente mais famosa e cobiçada da América, de quem seus amigos e todos em sua escola são grandes fãs.

Tinder de Personagens

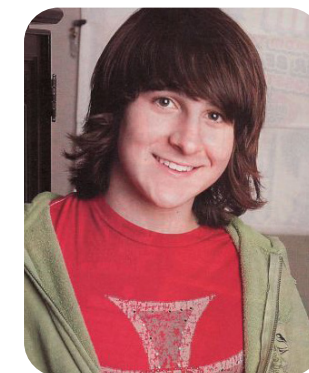
E aí, você daria match em alguém cheio de abordagem musical? Mas cuidado ao se apaixonar, o Tinder não mostra tudo, algumas pessoas podem esconder uma dupla personalidade.



Hannah Montana

Cantora
Viajando pelo mundo
A um episódio de distância

10% 90%



Oliver Oken

Pop!
Malibu
A um episódio de distância

69% 31%



Lilly Truscott

Pop!
Malibu
A um episódio de distância

22% 78%



Top 5



PALOMA FAGUNDES
Mamma Mia
Frozen
A Bela e a Fera
Z-O-M-B-I-E-S
Aladdin



MAI MEDEIROS
Mamma Mia
O Fantasma da Ópera
High School Musical
Teen Beach Movie
La La Land



BEATRIZ VALENTE
O Rei do Show
Mamma Mia
Z-O-M-B-I-E-S
A Bela e A Fera
Teen Beach Movie



SAMARA RAMOS
Lemonade Mouth
Em um Bairro de Nova York
A Escolha Perfeita 2
Teen Beach Movie
High School Musical 3



SANDRO FILHO
High School Musical
Lemonade Mouth
Nasce uma Estrela
Clouds
Bohemian Rhapsody



MARIA EDUARDA CARVALHO
Mamma mia
High School Musical
Camp Rock
La La Land
A Escolha Perfeita

da equipe



LENIR COSTA
Hamilton
Mamma Mia
High School Musical
Begin Again
A Noviça Rebelde



MAÍRA GOMES
A Noiva-Cadáver
Os Miseráveis
O Fantasma da Ópera
Cantando na Chuva
La La Land



CATHERINE CECCON
La La Land
Bohemian rhapsody
Chicago
Rocketman
Mamma Mia



SARA MENDES
Mamma Mia
Lemonade Mouth
O Rei do Show
Teen Beach Movie
High School Musical



ANTÔNIO DOS SANTOS
A Escolha Perfeita
Caminhos da Floresta
La La Land
High School Musical
Escola do Rock



PEDRO LANGER
Dançando no Escuro
Whiplash
Phantom of the Paradise
Hair
Tim Maia



MÚSICA PARA SACUDIR O ESQUELETO

POR ANTÔNIO DOS SANTOS

O musical brasileiro *Sinfonia da Necrópole* (2014) conta a história de Deodato (Eduardo Gomes), um aprendiz de cozeiro muito sensível que não pôde ver um morto e já desmaia. Tendo arranjado o trabalho apenas graças ao tio que é cozeiro, o novato tem a chance de manter o emprego ajudando Jaqueline (Luciana Paes), a encarregada da reforma no cemitério e por quem ele acaba se apaixonando. Mesmo com a trama mórbida, o longa é permeado de um humor que torna tudo mais leve sem banalizar seu tema principal: a morte.

A direção é por conta de Juliana Rojas e a música foi composta por Marco Dutra, sendo essa uma entre muitas parcerias desses cineastas e que inclusive contaram com o mesmo ator, Eduardo Gomes, mas que ainda não tinha sido protagonista em um longa deles. A música e o macabro também já apareceram em outros trabalhos da diretora, mas se você quiser saber mais sobre ela, falamos sobre sua carreira na Divulgação Independente da nossa primeira edição.

Sem os grandes espetáculos visuais que marcam os musicais hollywoodianos, *Sinfonia da Necrópole* consegue trazer números artísticos simples, porém eficientes, no que diz respeito a revelar os sentimentos dos personagens, entreter o público e fazer a trama avançar. Filmes assim mostram o porquê que o cinema brasileiro merece mais investimento, ao passo que consegue ser bom mesmo com pouco. Lançado em 2014, o longa obviamente não está mais em cartazes, porém está disponível na Netflix, então quem for assinante não pode perder essa oportunidade.

A VIDA FICA BEM MAIS LEVE COM A MÚSICA

POR MAÍRA GOMES

“Sem a música a vida seria um erro” disse o filósofo e compositor alemão Nietzsche. Incontestavelmente, a música tem um efeito poderoso sobre todos nós, despertando as mais diversas emoções. Assim, no mundo do cinema, é claro que um dos fatores cruciais para a criação de um filme de qualidade é a música.

Nesse sentido, que tal lembrarmos a exibição do longa *Mesmo Se Nada Der Certo* pelo Cinecom no dia 30 de junho de 2019. Finalizando o mês em grande estilo, nesta noite bem gelada os gramados da UFV viraram palco para a exibição de muita música boa para aquecer o público. Como se não bastasse essa grande escolha, a diretoria de audiovisual esbanjou muita criatividade ao desenvolver um roteiro leve e divertido para o mini clipe musical da tomada 1.

Na trama, Gretta (Keira Knightley) é uma compositora britânica perdida nos EUA depois que levou um fora de Dave (Adam Levine). Isso mesmo, para quem reconheceu, o vocalista e guitarrista da banda Maroon 5 faz parte do elenco, interpretando um músico que começou a descobrir o sucesso e se apaixonou por outra garota. Magoada, Gretta começa a cantar em bares e, assim, encontra Dan (Mark Ruffalo), um agente musical recém demitido de uma grande produtora.

Dirigido por John Carney, o musical é construído por muitas músicas de qualidade e inéditas. A ideia usada pelo diretor em *Apenas Uma Vez* se repete em *Mesmo se Nada Der Certo*: a salvação através da música. Afinal, além de ser muito melhor sofrer com música boa, as canções podem renovar e recompor vidas. Pois a construção de algo novo, às vezes, só precisa ser despertado por um estímulo. Quer conferir esse poder da música? *Mesmo se Nada Der Certo* te espera!



No Script!

11ª edição - novembro/2021

CAPA

Antônio dos Santos
antonio.henrique@ufv.br

EDIÇÃO GERAL

Pedro Langer
pedro.langer@ufv.br

DIAGRAMAÇÃO

Mai Medeiros
maianna.vitorino@ufv.br

PROJETO GRÁFICO

Beatriz Valente
beatriz.v.silva@ufv.br

REVISÃO

Antônio dos Santos
antonio.henrique@ufv.br

Lenir Costa
lenir.lcosta21@gmail.com

REPORTAGEM E REDAÇÃO

Antônio dos Santos
antonio.henrique@ufv.br

Beatriz Valente
beatriz.v.silva@ufv.br

Catherine Ceccon
catherinececcon@id.uff.br

Maíra Gomes
maíra.gomes@ufv.br

Maria Eduarda Carvalho
maria.bigonha@ufv.br

Paloma Fagundes
paloma.fagundes@ufv.br

Sandro Filho
sandro.filho@ufv.br

Samara Ramos
samara.ramos@ufv.br

Sara Mendes
sara.rocha@ufv.br

ufvcinecom@gmail.com

www.jornalismo.ufv.br/cinecom/

APOIO



REALIZAÇÃO

